

UMA OUTRA HISTÓRIA DOS MUSEUS DE SÃO PAULO: A PINACOTECAS MUNICIPAIS DO INTERIOR PAULISTA

Patrícia Bueno Godoy*

A partir da década de 1940 coleções de arte começaram a ser fundadas no interior paulista, as pinacotecas municipais. Esse fluxo lento, que se estendeu até a década de 1970, foi iniciado pela ação de artistas pintores que desempenhavam suas atividades profissionais na cidade de São Paulo. Residentes ou não da grande metrópole, eram freqüentadores assíduos do Salão Paulista de Belas Artes, evento consagrado à arte figurativa e estabelecido a partir de 1934.

Da intensa atividade artística desses pintores surge a idéia de levar a arte àqueles que habitavam distante da capital. As pinacotecas municipais nascem com um perfil inicial similar, formadas a partir de acervos estabelecidos pela doação efetuada pelos pintores figurativos e, eventualmente, pela sensível colaboração de colecionadores de arte e artistas regionais. Portanto, são coleções públicas que devem sua existência não apenas pela vontade do poder público municipal, mas, sobretudo pelo esforço de artistas pintores, atuantes na cidade de São Paulo, geralmente ligados a associações e sindicatos de arte. Trata-se de um movimento paralelo à fundação dos grandes museus de arte em São Paulo – como: MASP (1947), MAM (1948) e MAC (1963) – um percurso ainda pouco contemplado por estudos e essencial para garantir a preservação dessa parcela do patrimônio artístico brasileiro.

Um breve panorama histórico e artístico será aqui esboçado, e para isso, três pinacotecas municipais do interior do estado de São Paulo serão investigadas, as de Rio Claro, Piracicaba e Amparo. Fundadas entre 1966 e 1974, como outras instituições da mesma natureza, estes acervos foram criados principalmente por artistas figurativos voltados à prática da pintura de paisagem, pintura de gênero, natureza-morta e figura humana. Nas paisagens rurais ou urbanas, da metrópole ou das pequenas cidades, utilizavam pinceladas largas, evitando o contorno. Seguiram os ensinamentos dos pintores paisagistas do início do século XX, dos quais mantinham profunda admiração. Praticavam uma arte de leitura fácil que agradava e supria as “necessidades dos compradores da época” no adorno dos ambientes íntimos de suas residências (TARASANTCHI, 2002: p. 24). Dos três acervos, apenas a pinacoteca municipal de Rio Claro foi contemplada com um estudo sistematizado pela dissertação de mestrado defendida pela autora (GODOY, 1999),

* Professora Doutora da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

que estudou, fotografou e catalogou as obras adquiridas pela instituição até o ano de 1998. Atualmente, as três instituições permanecem reclusas em suas respectivas reservas técnicas.

Antes de proceder à investigação sobre a criação das pinacotecas torna-se necessário compreender aspectos sobre a concepção artística e a atuação dos seus fundadores. Esta tarefa encontra um problema fundamental, a falta de estudos sobre a obra dos pintores figurativos paulistas, em sua maioria nascidos entre os últimos anos do século XIX e a segunda década do século XX. Essa ausência deriva especialmente da omissão ou do combate a essa orientação artística que, executada após Semana de Arte Moderna de 1922, passou a ser significativamente desvalorizada. Adjetivos pejorativos foram a ela associados e hoje predomina o termo inexacto de “acadêmica”, classificação que restringe a apreciação de uma produção plural, dificultando-se não apenas sua compreensão, mas, também, aspectos relacionados à contribuição histórica e cultural que seus protagonistas legaram ao estado de São Paulo. Por esse motivo, aqui utilizaremos o termo “figurativo” para designá-la.

Os desdobramentos dos movimentos de vanguarda foram acompanhados pelos artistas figurativos que se diziam conscientes das novas pesquisas estéticas, entretanto, a maior parte optou por continuar a praticar os gêneros consagrados pelos pintores da geração anterior. Essa produção foi especialmente preservada e divulgada pelo museu artístico mais antigo da capital, a Pinacoteca do Estado de São Paulo, instituição que serviu de modelo para as pinacotecas interioranas.

A Pinacoteca do Estado de São Paulo foi instalada junto ao Liceu de Artes e Ofícios e inaugurada em 1905. Alguns anos mais tarde, em 21 de novembro de 1911, o estatuto público da coleção foi regulamentado, adquirindo assim uma estrutura mínima para seu funcionamento (LOURENÇO, 1994: p. 20). Esse espaço que se dedicou à preservação e à divulgação dos grandes nomes da pintura brasileira passou por períodos de transição e reestruturação e, em 1947, foi reinaugurado no edifício construído por Ramos de Azevedo na Praça da Luz (LEITE, 1988: p. 407). Naquela década, o pintor Guelfo Oscar Campiglia (1907-1968) iniciou a fundação de pinacotecas no interior do estado sob os moldes da instituição paulistana, ação seguida por outros artistas nos anos seguintes. Foi um ciclo lento empreendido por uma classe de artistas que provou da glória em meio às dificuldades de ordem prática e política. Algumas instituições tiveram a sorte de nascer plenamente com sede própria, outras, inversamente, até hoje padecem por não tê-la. Membro da Associação Paulista de Belas Artes, em 1947, Oscar Campiglia já havia realizado a fundação das pinacotecas de “Itapetininga, Pinhal e Jundiaí”. Esta última foi fundada em fevereiro de 1946 e instalada junto ao Gabinete de Leitura da cidade. Integrantes da

Associação Paulista de Belas Artes estiveram presentes no evento que contou ainda com uma exposição de Oscar Campiglia (BAPBA, 1946: nº17, p. 140).

É preciso lembrar que outro importante fluxo de criação de museus ocorreu a partir da década de 1950, a implantação da rede de Museus Históricos e Pedagógicos. Entre 1956 e 1973 essa rede de museus se espalhou por diversas cidades do interior do Estado de São Paulo. Naquele momento, organizados pelo Serviço de Museus Históricos, órgão pertencente à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, mais tarde, em 1968, foram transferidos à Secretaria de Estado da Cultura. Em 1998, iniciou-se o processo de municipalização, coordenado pelo Departamento de Museus e Arquivos. Em 1973, ao final da implantação da rede de museus, que se tornou a maior do país, contabilizavam-se setenta e nove unidades (ANAIS DO MUSEU PAULISTA, 1993: p. 176-177).

As cidades de Amparo, Piracicaba e Rio Claro também se beneficiaram com a implantação dos Museus Históricos e Pedagógicos, cada qual contando com um acervo de caráter regional, especialmente adquirido por meio de doações. Melhor estruturados mantiveram-se mais acessíveis ao público, se comparados com as pinacotecas municipais que, em vários momentos, ficaram restritas apenas ao espaço da reserva técnica.

Da idealização das pinacotecas municipais à sua efetivação necessitou-se de certa organização por parte da classe artística. Esta advém da experiência obtida em meio às associações e sindicatos fundados por artistas a partir da década de 1920. A Associação Paulista de Belas Artes e a Sociedade dos Amigos da Arte de São Paulo (SOCIARTE) contribuíram cada qual com o apoio e divulgação do propósito das novas pinacotecas. O Boletim publicado pela Associação Paulista de Belas Artes traz informações relevantes a esse respeito. Foram consultados para este estudo aqueles publicados entre 1943 a 1952. Membros da SOCIARTE ajudaram na ampliação dos acervos com doações de obras de grande qualidade, especialmente Américo Ribeiro dos Santos e Noedyr Moraes Corrêa. Outra publicação relevante é a revista *Resenha Artística*, idealizada pelo escultor Laszlo Zinner (1908-1977) e conduzida por vários artistas. Na primeira edição o diretor Valentim Amaral enfatizou que a finalidade principal daquela publicação era a de “estabelecer maior contato entre os artistas plásticos figurativistas em nosso país” (RESENHA ARTÍSTICA: 1960, nº 1). Nas publicações entre 1960 a 1969, também traz informações sobre a organização e a fundação das novas pinacotecas.

A Associação Paulista de Belas Artes foi fundada em 20 de março de 1942. No ano seguinte, seus organizadores iniciaram a impressão de um boletim próprio, de tiragem bimestral, para propagar informações de interesse dos seus associados. Os temas essenciais eram a divulgação de dados biográficos, atividades internas diversas, especialmente as informações

sobre exposições individuais e coletivas. Notícias sobre o Salão Paulista de Belas Artes e dos seus congêneres do interior apareciam com regularidade. Os salões eram locais de grande visibilidade para a arte figurativa, onde os artistas poderiam ainda se beneficiar com os prêmios aquisitivos ou outras condecorações. Faz-se notar que ainda hoje a biografia desses artistas é constituída basicamente pela descrição de prêmios acumulados nesses eventos.

Uma importante ação foi empreendida pelo governo do Estado de São Paulo na década de 1940. Após criar as primeiras pinacotecas Oscar Campiglia foi nomeado em 1947 para o cargo de técnico de expansão cultural do Departamento Estadual de Informações, encarregado de organizar a primeira exposição circulante para o interior do Estado (BAPBA, 1947: p. 163). Em abril daquele ano realizou-se em Taubaté a primeira Exposição Circulante de Belas Artes, cuja finalidade era a de levar ao interior, obras de mestres paulistas da pintura e da escultura (BAPBA, 1947: p. 165). No discurso da inauguração da mostra, o governador Adhemar de Barros enfatizou a importância dessa iniciativa como sendo “a maneira mais objetiva de atingir o ideal da democratização da cultura, que não pode nem deve permanecer como propriedade exclusiva das metrópoles ou do círculo restrito de certas elites ociosas”. O contributo essencial seria o de estimular a cultura e a “espiritualidade criadora” dando “ao povo uma noção clara do grau de pureza artística a que já atingiram as artes plásticas paulistas tanto da escola clássica quanto das correntes modernas” (BAPBA, 1947: p. 165-167). Em junho do mesmo ano Adhemar de Barros inaugurou em Ribeirão Preto mais uma exposição circulante que propunha novamente “de forma objetiva e imediata, a socialização da cultura” (BAPBA, 1947: p. 174).

Os pintores fundadores das pinacotecas municipais compartilhavam das mesmas idéias de Adhemar de Barros. Tinham por intenção democratizar a cultura. Exaltavam o poder de comunicação da arte e do seu potencial de transformação cultural. Anos mais tarde surgem novas pinacotecas em Franca, São Carlos, Jaboticabal, Rio Claro, Piracicaba e Amparo. Em 1946, o Boletim da Associação Paulista de Belas Artes informava que as pinacotecas estavam sendo criadas junto aos Gabinetes de Leitura das cidades (BAPBA: 1946, nº18, p. 145). Este espaço físico tornou-se inadequado quando as coleções começaram a se expandir. Surgiram problemas diversos, como a procura por uma nova sede – quase sempre provisória – que afetaram a divulgação e a conservação das obras. Este foi o problema enfrentado pela pinacoteca de Rio Claro, desde sua fundação em 1966 a coleção ainda não conquistou sua sede própria. E assim nasceram acervos sem museus.

Criada em 1966, pelo pintor Nicola Petti (1904-1983), a Pinacoteca Municipal Pimentel Júnior foi fundada em Rio Claro, cidade natal do pintor, junto ao Gabinete de Leitura local. A maior parte das sessenta e sete obras do acervo inicial deveu-se ao empenho de Nicola Petti que

recebeu doações de pintores do seu círculo de amizade na capital paulista onde residia. (GODOY: 1999, p. 29). Atualmente, fechada ao público a pinacoteca se encontra armazenada em reserva técnica junto ao Casarão da Cultura, onde esporadicamente parte do acervo é exposto. Dentre as mais de quatrocentas obras, destacam-se os desenhos de Pedro Weingärtner (1853-1929), Henrique Bernardelli (1858-1936), Aldemir Martins (1922-2006) e João Fahrion (1898-1970) e pinturas de Ettore Federighi (1909-1979), João Dutra (1893-1983), Leopoldo Gotuzzo (1887-1983), Innocencio Cabral Borghese (1897-1985), Bigio Luigi Gerardenghi (1876-1957), Chen Kong Fang, Mário Zanini (1907-1971) e Arnaldo Ferrari (1906-1974).

Em 1967 iniciou-se a construção da sede da Pinacoteca Municipal Miguel Archanjo Benício d'Assunção Dutra na cidade de Piracicaba. Os arquitetos responsáveis pela obra apresentaram o projeto a Archimedes Dutra (1909-1983), pintor que intermediou a doação do primeiro núcleo de obras do acervo. Após o parecer favorável do artista, foi construída a sede da pinacoteca e o acervo pode ser instalado em edifício próprio em 1969 (PINACOTECA MUNICIPAL DE PIRACICABA: 2008). Encontram-se ali reunidas centenas de pinturas, como as de Paulo do Valle Júnior (1889-1958), Tulio Mugnaini (1895-1975), Alípio Dutra (1892-1964), Antônio de Pádua Dutra (1905-1939) e Arcangelo Ianeli (1922-2009). Há também um pequeno conjunto de gravuras, entre outras, de Marcelo Grassmann, Alex Flemming, Fayga Ostrower (1920-2001) e Renina Katz.

Em 1974 foi oficialmente instalada a Pinacoteca Municipal Dr. Constâncio Cintra na cidade de Amparo com acervo inicial organizado pelo músico e pintor Francisco Cimino (1906-1990). O primeiro núcleo de obras surgiu a partir de doações dos artistas pintores do círculo de amizade de Cimino. Naquele ano ele foi responsável também pela instituição do primeiro Salão de Belas Artes de Amparo, evento que passou a contribuir para o crescimento do acervo (GODOY, 1999: p. 107, 108). Atualmente, a pinacoteca encontra-se armazenada em uma reserva técnica em um edifício tombado pelo CONDEPHAAT, anteriormente utilizado como residência do chefe da estação ferroviária, na Praça Pádua Salles. Entre outras, há obras de Gino Bruno (1899-1977), Oswaldo Teixeira (1904-1974) e Durval Pereira (1917-1984).

Além dos salões de arte e das sociedades artísticas, a parceria entre artistas figurativos e colecionadores de arte foi fundamental para fortalecer os ideais da classe. Essa relação foi profícua revertendo-se na organização de publicações sobre arte e na doação de importantes obras para as pinacotecas no interior paulista.

Em 1968 foi lançado o volume *Pintores contemporâneos de São Paulo*, uma publicação que reuniu informações sobre quarenta pintores figurativos, cada qual representado com pequena biografia e ilustração de uma obra. A comissão organizadora foi composta pelos colecionadores

Américo Ribeiro dos Santos e Noedyr Moraes Corrêa, o escritor Cypriano Marques Filho e o pintor Nicola Petti. Na apresentação redigida pela comissão enfatizou-se a opção de um grupo de artistas a manter-se no caminho da arte figurativa, refutada por artistas e críticos de arte vinculados a outras orientações artísticas. Acusados de persistirem na realização de uma arte “passadista” e “acadêmica”, saíram em defesa da sua autonomia e direito de empreender livremente sua obra. A publicação tinha por objetivo “divulgar as obras de artistas que se projetaram no cenário artístico do país e do estrangeiro, através as suas representações no tradicional Salão Paulista de Belas Artes”. A “liberdade de expressão”, portanto, a opção pela arte figurativa, segundo os autores, se opunha à “ditadura artística” que atingia “culminâncias discriminatórias” (SANTOS, 1968). Após a publicação de *Pintores Contemporâneos de São Paulo*, parte da comissão organizadora funda a SOCIARTE, entidade que buscou fortalecer a pintura figurativa, organizando exposições e publicando catálogos.

A SOCIARTE, Sociedade dos Amigos da Arte de São Paulo, foi fundada em 25 de janeiro de 1969 “por um grupo de colecionadores de objetos de arte, especialmente quadros, que, além de reuni-los” objetivava “a divulgação da arte e dos artistas, promovendo exposições, palestras, reuniões e outras atividades correlatas” (VELLOSO, 1987). Dentre seus fundadores destacam-se os nomes de Américo Ribeiro dos Santos, Noedyr Moraes Corrêa e Cypriano Marques Filho, membros da comissão organizadora de *Pintores Contemporâneos de São Paulo*. Desses, os dois primeiros colaboraram com importantes doações às pinacotecas de Rio Claro, Piracicaba e Amparo.

Américo Ribeiro dos Santos, presidente da SOCIARTE entre 1969 e 1972, doou obras significativas para as pinacotecas de Amparo, Rio Claro e Piracicaba. São pinturas de Eugênio Latour (1874-1942), Eliseu Visconti (1866-1944) e Helios Seelinger (1878-1965). Obras de Eugênio Latour podem ser encontradas nas três cidades, todas são figuras femininas. Em Piracicaba encontra-se o estudo para a pintura intitulada *Desilusão*, obra pertencente à Pinacoteca do Estado de São Paulo e que integra a série composta por outras três, *Mistério*, *Ansiedade e Realidade*, todas de 1928. Eliseu Visconti se faz presente em Rio Claro com um pequeno óleo sobre tela. Trata-se de um estudo para a obra *Fatigada*, realizada pelo artista por volta de 1898. Esta pequena cabeça feminina participou da Exposição Retrospectiva de Visconti organizada no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1949 (GODOY, 1999: 409-411). Da coleção de Ribeiro dos Santos foram para Rio Claro ainda duas obras de Helios Seelinger, *Netuno* (1923) e *Folia* (1937). Em ambas é evidente a aproximação com o universo Simbolista do final do século XIX e com a obra de Franz Von Stuck (1863-1928), pintor com o qual Seelinger estudara durante sua permanência em Munique (GODOY, 1999: p.364-367).

Esse breve texto procurou dar visibilidade a três coleções públicas que, infelizmente, como museus de arte não estão cumprindo plenamente suas finalidades principais: a curadoria, a exposição e o ensino (CONSERVAÇÃO: CONCEITOS E PRÁTICAS, 2001: p.19-20). Entendemos que a história da arte é um agente indispensável na discussão sobre as questões relativas à conservação e à valorização do patrimônio artístico já que estão intimamente relacionadas. Há muito que fazer quanto à catalogação e o estudo dos acervos públicos paulistas. Essa tarefa nem sempre é fácil e de visibilidade imediata. Em alguns casos se encontrará uma coleção que ainda não foi corretamente catalogada, em outros momentos se deparará com a falta de profissionais designados exclusivamente para seu gerenciamento. Espaço físico adequado e recursos materiais também são aspectos importantes, nem sempre atendidos. A valorização e a conservação – geralmente aplicadas aos empreendimentos produzidos pela elite – devem se estender às coleções desfavorecidas e o historiador da arte é um agente importante nesse processo.

Referências Bibliográficas:

- A PINACOTECA DE SÃO PAULO – São Paulo: Banco Safra, 1994. Vários colaboradores.
- BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BELAS ARTES - BAPBA. São Paulo: Associação Paulista de Belas Artes, 1943 a 1951.
- CONSERVAÇÃO: CONCEITOS E PRÁTICAS / Organização de Marylka Mendes [et al]; tradução de Vera L. Ribeira. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- GODOY, Patrícia Bueno. *A Pinacoteca Municipal Pimentel Júnior: criação e consolidação de um acervo na cidade de Rio Claro – SP*. Campinas, SP, 1999. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
- LEITE, José Roberto Teixeira. *Dicionário Crítico da Pintura no Brasil*. Rio de Janeiro: Artlivre, 1988.
- LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem moderno*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- SANTOS, Américo Ribeiro dos (et. al.) *Pintores contemporâneos de São Paulo*. São Paulo, 1968.
- PINACOTECA MUNICIPAL DE PIRACICABA. Coordenação de Lauro Pinotti. Piracicaba: Prefeitura Municipal de Piracicaba; Secretaria Municipal de Ação Cultural, 2008. DVD, som, color.
- TARASANTCHI, Ruth Sprung. *Pintores paisagistas: São Paulo 1890 a 1920*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

PONTUAL, Roberto Gonçalves. *Dicionário das artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

RESENHA ARTÍSTICA. São Paulo. Frequência irregular. 1960-1970.

VELLOSO, Augusto Carlos Ferreira. *Resumo histórico*. São Paulo, 4 set. 1987. 12 p. Arquivo da SOCIARTE.



1958, Tullio Mugnaini, *Chácara do Mikai*, óleo sobre tela, 38x55cm. Pinacoteca Municipal Miguel Archanjo Benício d'Assunção Dutra, Piracicaba - SP



1950, Paulo do Valle Júnior, *Colheita de Trigo*, óleo sobre cartão, 24x35cm. Pinacoteca Municipal Miguel Archanjo Benício d'Assunção Dutra, Piracicaba - SP



1955, Arcangelo Ianelli, *Interior*, óleo sobre tela, 73x60cm. Pinacoteca Municipal Miguel Archanjo Benício d'Assunção Dutra, Piracicaba - SP



1930, Oswaldo Teixeira, *Paisagem Itaipava*, óleo sobre madeira, 59x51cm. Pinacoteca Municipal Dr. Constâncio Cintra, Amparo - SP



s.d., Eugênio Latour, *Nu*, óleo sobre tela, 90x70cm. Pinacoteca Municipal Miguel Archanjo Benício d'Assunção Dutra, Piracicaba - SP



s.d., Eliseu D'Angelo Visconti, *Estudo para Fatigada*, óleo sobre tela (colada sobre painel de madeira,) 26x27,5cm. Pinacoteca Municipal Pimentel Júnior, Rio Claro – SP



1937, Helios Seelinger, *Folia*, óleo sobre tela, 72x72 cm. Pinacoteca Municipal Pimentel Júnior, Rio Claro - SP